

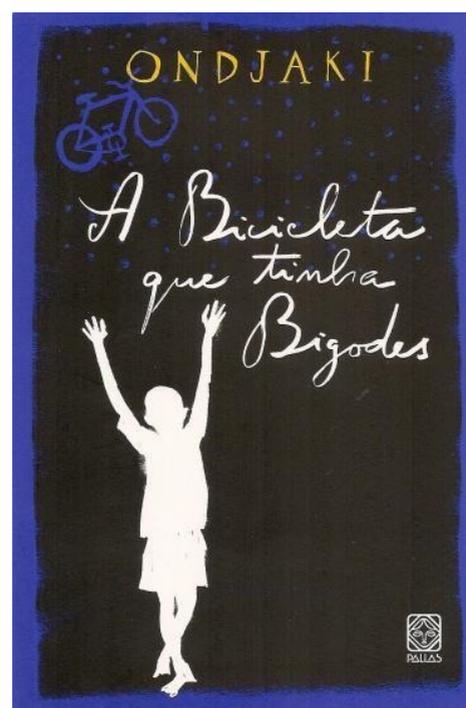
# **A**s imagens da infância e “A bicicleta que tinha bigodes”

Andressa Christina Spanopoulos Fernandes<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

“A bicicleta que tinha bigodes”, obra infanto-juvenil do escritor angolano Ondjaki, publicada em 2012, traz a história de três crianças que irão participar de um concurso de redação para concorrer ao prêmio que é uma bicicleta nova com as cores da bandeira de Angola. Para tanto, as crianças irão inventar suas histórias a partir dos dados que vão colhendo à sua volta nas experiências de vida daqueles com quem irão se deparar. Assim, surgem ao longo da narrativa, personagens como o tio Rui que é escritor e tem bigodes mágicos de letrinhas (evidente referência ao escritor, o "mais-velho" Manuel Rui, interlocutor sempre presente na escrita e na vida de Ondjaki); o motorista de apelido *Nove*; o *General Dorminhoco*; o *Camarada Mudo*.

Essa busca por elementos que possam servir para a escrita da redação acaba por revelar, aos poucos, a dimensão da infância vivida em Luanda, traduzida, a cidade, pelo olhar e pelas fantasias dos miúdos. Assim, na esteira de outros livros seus, Ondjaki celebra a



<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Universidade de São Paulo. - E-mail: andressa.fernandes@usp.br

infância por meio de personagens que no processo de aprendizagem da vida, se veem confrontadas com as características de uma realidade social específica, a angolana, cujas tensões serão observadas e narradas pelas próprias crianças. Vale ainda ressaltar que o escritor, atento às conformações históricas de seus país, revela na dimensão da escrita uma língua portuguesa própria, angolanzada, que se vem alternando entre o humor, a ironia e uma certa poeticidade revelada.

## **METODOLOGIA**

Na medida em que nosso ponto de partida é a obra literária, procuramos estabelecer a análise crítica a partir da compreensão de que a literatura pode ser a *manifestação de todos os homens em todos os tempos*, capaz de revelar na dimensão própria do texto literário, as relações de sentimentos, visões de mundo, expectativas, sonhos, desejos, estruturas sociais, processos históricos, desencadeados pelo ser humano. Portanto, nos interessa uma metodologia que torne possível ampliar a discussão a partir da relação entre texto literário e vida social e tal relação proposta por meio do olhar da infância.

Para tanto, nos interessa uma abordagem crítica e teórica que se organize, primeiramente, a partir de intelectuais brasileiros, como é o caso de Antonio Candido, Roberto Schwarz, Davi Arrigucci, João Alexandre Barbosa e Benjamin Abdala Júnior. Em seguida, serão privilegiados textos de autores como Eric Auerbach e Terry Eagleton. Em relação ao contexto social angolano e as especificidades de sua história e literatura sobretudo posterior à independência, privilegiaremos os textos de Marcelo Bittencourt, Alfredo Margarido, Rita Chaves e Tania Macêdo. Por meio das crianças - personagens centrais da obra a ser analisada -, estudaremos como estas manifestam suas formas de ser e estar no mundo, voltadas essencialmente para suas dinâmicas culturais específicas. Nesse sentido, nos valem de alguns textos de José Nicolau Gregorin Filho, João Luís Ceccantini, Rony Farto, Luís Antonio Groppo, Regina Zilbermann para um estudo mais aprofundado das personagens infantis e da literatura infantil e juvenil.

## RESULTADOS

Chegamos a algumas considerações finais acerca do romance *A bicicleta que tinha bigodes*, fortalecendo, inicialmente, a premissa de que o contexto histórico é imprescindível para compreender qualquer romance. Paul Fry afirma em seu curso de Introdução à Teoria Literária que a literatura “é de alguma forma causada pelas forças sociais, econômicas e históricas”. Apesar de escrito em 2012, a história narrada acontece durante a Guerra Civil Angolana. De acordo com a classificação feita por Paulo Fagundes Visentini, a revolução angolana encaixa-se no “movimento de descolonização e nacionalismo do Terceiro Mundo protagonizaram o triunfo de diversas revoluções de orientação socialista [...]” (2012, p. 28). E ainda ressalta que:

Segundo a experiência histórica, um regime socialista de tipo marxista (e leninista) implica na existência de um partido único ou hegemônico que se confunde com o aparelho estatal e exerce o poder como “guia” da sociedade e de seu processo de transição socialista. (VISENTINI, 2012, p. 28)

Após uma longa e brutal guerra de libertação, Angola vê-se imersa na polarização da Guerra Fria. Como afirmado por Visentini, o partido único MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) governava com o apoio da União Soviética e de Cuba.

As revoluções africanas dos países de língua portuguesa têm em comum o fato de ocorrerem em concomitância com a formação do Estado-nação. Isto é, o movimento pretendia, além da libertação das amarras portuguesas, conscientizar o povo da formação de uma nação una e indivisível. Devido à grande variedade de etnias unidas em um mesmo território pela ação do colonizador, dificilmente o indivíduo considerava-se angolano, mas sim quimbundo, ovimbundo, lunda ou bakongo, entre tantos outros povos. As fronteiras artificiais criadas pelos colonizadores a revelia dos autóctones dificultaram ainda mais o sentimento de nacionalismo. Unir diversos povos em uma única nação era um dos objetivos do MPLA.

“As revoluções africanas estiveram associadas, desde suas origens, a redes internacionais e alteraram o perfil da descolonização, tendo permitido que países como Cuba

exercessem um grande papel no continente” (VISENTINI, 2012, p. 30). Com a saída em massa dos ex-colonos portugueses, Angola sofreu com a grande escassez de mão de obra qualificada em diversas áreas. Dessa forma, não haviam mais médicos, engenheiros ou mesmo professores.

O apoio de Cuba foi fundamental e pode ser visto na obra de Ondjaki em *Bom dia camaradas*, no qual temos professores cubanos lecionando para crianças angolanas. Já a União Soviética mandou engenheiros para Angola e podemos observar esse acontecimento em *A AvóDezanove e o segredo do soviético*.

Nota-se que era impossível ignorar a Guerra Fria e seus efeitos em diversas regiões que não estavam diretamente ligadas a ela. A disputa entre Estados Unidos da América e União Soviética por influência afetou muitos países. O MPLA tinha uma base predominantemente urbana, com baixa representatividade do partido no interior do país, o que fez com que grande parte do povo se apoiasse em ideologias pró-Occidentais a partir da FNLA e da Unita. E será a partir desses dados, inscritos intensamente nas narrativas de Ondjaki que seguimos com a análise do romance proposto para esta pesquisa.

## ANÁLISES

*A bicicleta que tinha bigodes* é um romance publicado em 2012 pelo escritor angolano Ondjaki. As histórias deste autor são, em grande parte, povoadas e, principalmente, contadas por crianças. Apesar de ter escrito um livro de poemas (*Há prendisajens com o xão*) e um romance com uma personagem infantil feminina (*Ynari – a menina das cinco tranças*), o autor acaba por ser conhecido por seus romances contados por um narrador-menino, que muitas vezes não é identificado.

Por esses motivos, muitos dos romances de Ondjaki acabam por ser classificados como infantis ou infanto-juvenis. Podemos listar as seguintes obras que contêm o narrador-menino: *Bom dia camaradas*, *AvóDezanove e o segredo do soviético*, *Os da minha rua* e *A bicicleta que tinha bigodes*.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007), as primeiras obras publicadas focando o público infantil surgiram no século XVIII. Antes disso, havia apenas histórias *também* apropriadas para crianças, mas não diretamente escritas para elas. Também é importante ressaltar as histórias escritas durante o classicismo francês, um século antes, que vieram a ser englobadas na literatura infantil. Obras tais como as *Fábulas*, de La Fontaine, ou *Os contos da mamãe gansa*, de Charles Perrault, o qual inicialmente tinha o título de *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*.

No século XVIII, o advento da industrialização teve como consequência a consolidação da burguesia como classe social. Esta reivindicava poder político, incentivando instituições que poderiam auxiliar em sua causa.

A primeira dessas instituições é a família, cuja consolidação depende, em alguns casos, da interferência do Estado absolutista que, interessado em fraturar a unidade do poder feudal, ainda atuante, estimula um modo de vida mais doméstico e menos participativo publicamente. Esse padrão vem a ser qualificado como moderno e ideal, elevando-se como modelo a ser imitado por todos.

A manutenção de um estereótipo familiar, que se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida; porém, como sua efetivação somente pode se dar no espaço restrito, mas eficiente, da família, esta canaliza um prestígio social até então inusitado. (LAJOLO e ZILBERMAN: *Literatura infantil brasileira – História e histórias*, 2007, p. 16)

Desse modo, conclui-se que o estágio de vida denominado “infantil” foi mais uma das “invenções” da burguesia para facilitar o acesso ao poder. Antes disso, a criança era vista como uma versão menor do adulto, sendo responsável por diversas tarefas, assim como seus pais. A escola, antes opcional e frequentada por poucos, passa a ser mais uma instituição a colaborar com a escalada política da burguesia. A escolarização favoreceu a proliferação da literatura infantil, uma vez que a primeira capacita a criança para a segunda, através do letramento e da alfabetização.

O romance *A bicicleta que tinha bigodes* conta a estória de uma criança que ambiciona ganhar a bicicleta que o concurso da Rádio Nacional de Angola oferece a quem

escrever "a melhor estória". Por morar na mesma rua do Tio Rui, que segundo o narrador "é escritor e inventa estórias e poemas" (ONDJAKI, 2012, p. 9), o garoto acredita ter boa chance de vencer. No entanto, diante da recusa de Tio Rui em ajudá-lo (pois seria "batota"), ele não consegue inventar sua estória sozinho e pede ajuda aos amigos da sua rua. Assim, junta-se com JorgeTemCalma e Isaura a procura de uma estória que possa vencer o concurso.

Tio Rui é uma evidente referência ao escritor "mais-velho" Manuel Rui, interlocutor sempre presente na escrita e na vida de Ondjaki. Rui aparece tanto nas histórias de Ondjaki quanto nos agradecimentos, provando-se uma grande fonte de inspiração e de apoio para o desenvolvimento da literatura do "mais-novo".

Tio Rui é respeitado por todos na rua por ter tido a oportunidade de estudar. Sua profissão é a de advogado e para os vizinhos, ele é a encarnação da lei. É ele que consegue resolver o caso do atropelamento do sapo Raúl pelo camarada Nove (que depois é rebatizado para Dez). Considerado um sábio, delibera sobre a questão com a palavra e não com a força ou com a intimidação por sua patente. É considerado uma autoridade devido ao seu conhecimento. GeneralDorminhoco tenta julgar o acontecido e vale-se de seu cargo para tanto, deixando Isaura "com um bocado de medo" (ONDJAKI, 2012, p. 27) ao responder suas perguntas e ainda afirma que a menina não sabe de nada.

Os diversos "capítulos" do livro iniciam-se com um desenho e uma página preta, com escritos da cor do papel. Estas páginas são emblemáticas e ganham maior força ao observarmos o subtítulo do romance: "estórias sem luz elétrica", que aparece apenas na folha de rosto, que também é preta (o subtítulo não aparece na capa ou na primeira folha).

A capa preta com escritos brancos remete-nos também à falta de luz. Os pontos azuis parecem indicar um céu estrelado. O menino com braços estendidos em direção à bicicleta que se encontra no céu demonstra ao mesmo tempo o anseio da criança e a dificuldade em obter o objeto desejado.

Não há uma divisão real do romance em capítulos, no entanto, as folhas em preto fazem com que o leitor acredite que sim. No primeiro "capítulo" há a imagem do rádio, no

qual o menino-narrador deve ter ouvido a notícia sobre o concurso da Rádio Nacional de Angola. Um papagaio em um poleiro aparece é o segundo desenho, referência aos “jacós” JoãoPauloSegundo e JoãoPauloTerceiro. Quando a falta de energia aparece na estória, também não há desenhos, apenas o fundo escuro.

A bicicleta com bigodes é citada em um sonho do menino no romance *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de 2009: “[...] até o TioRui que era escritor passava numa bicicleta que tinha uns bigodes desenhados [...]” (p. 72). É também neste livro que é esclarecido o apelido da AvóDezanove, que teve um dos dedos do pé amputado devido ao diabetes (e por isso ficou com dezanove dedos). Enquanto que em *A bicicleta que tinha bigodes*, não é citado o motivo desta alcunha da avó. Dessa forma, pode-se depreender que *AvóDezanove e o segredo do soviético* têm o mesmo narrador-protagonista que *A bicicleta que tinha bigodes* e o precede.

Podemos compreender a bicicleta não apenas como um brinquedo, mas como um meio de locomoção que distinguiria quem o possuísse. O bigode sonhado pelo garoto garante à bicicleta um símbolo de masculinidade, de experiência e de poder. É por esse motivo que o narrador acredita que Isaura não iria apreciar o prêmio da Rádio Nacional de Angola, pois é uma menina. Segue diálogo:

- Não. A bicicleta fica contigo segunda, quarta e sexta. Depois trocamos, terça, quinta e sábado fica comigo.
- E domingo?
- Domingo fica também comigo.
- Porquê?
- Porque eu sou rapaz.
- E então?
- Nós gostamos mais de bicicletas que vocês.
- Não é verdade, desculpa lá. Eu também gosto de bicicletas.

Ao masculinizar a bicicleta, adicionando um elemento que de fato não pertence a ela (o bigode), o narrador-menino acredita que Isaura não irá brincar tanto quanto ele. Apesar de ter pedido ajuda a ela para ganhar o prêmio.

O bigode da bicicleta é associado ao bigode do Tio Rui, que como já foi dito anteriormente é fonte de inspiração para o escritor e é muito respeitado pelo narrador-personagem. Dessa forma, a bicicleta ganha ainda mais distinção.

Pode-se observar um narrador em primeira pessoa. Assim, o narrador-protagonista de *A bicicleta que tinha bigodes* não consegue penetrar nos pensamentos das demais personagens. Muitas vezes não consegue compreender a lógica que leva sua AvóDezanove.

Esse ponto de vista é interessante para um narrador-criança, dando uma perspectiva única para a narrativa. Por estar ainda em processo de descobrimento do mundo à sua volta, muitas dúvidas surgem em sua mente. E muitas delas acabam por não serem respondidas.

Há a tentativa de maior veracidade com a utilização de palavras escritas fora da norma padrão. Estas, entretanto, vêm entre aspas, demonstrando que o verdadeiro narrador tem consciência disso. O garoto decide-se por escrever uma carta para o camarada presidente. Esta aparece na orelha do livro. As palavras escritas que não correspondem à ortografia portuguesa padrão estão todas circuladas, tais como: "enjenheiro", "quizer" e "concursu" (ONDJAKI, 2012). Apesar de a escrita errônea assemelhar-se à infantil, a consciência desses erros novamente trai o narrador-criança.

Isaura é uma personagem interessante, pois é mais observadora que o narrador-protagonista e as outras crianças da rua. Ela observa atentamente o comportamento dos animais de seu jardim e também o das pessoas. É ela, afinal, quem descobre a caixa mágica do tio Rui. Ainda, segundo o narrador: "A Isaura tem sempre ideias complicadas" (ONDJAKI, 2012, p.14).

Os nomes dos animais de seu jardim não são de forma alguma inocentes. Um exemplo emblemático é o gato que se chamava Tátecher, referência clara à Margareth Thatcher. A primeira-ministra britânica ficou mundialmente conhecida como "Dama de Ferro", por suas ações em oposição aos sindicatos e pelos cortes em serviços sociais. Tátecher, após comer dois papagaios, apelidados de JoãoPauloSegundo e JoãoPauloTerceiro, foi castrado ("Ihe cortaram os tímbalos, ONDJAKI, 2012, p. 16). Ao tornar-se manso, o gato é rebatizado para Gandhi, famoso líder indiano das manifestações pacíficas.

A inocência do narrador-personagem é expressa na crença de que ganharia a bicicleta se estivesse disposto a ser generoso. Dividi-la com os da sua rua sem pedir favores em troca seria um grande esforço, fazendo com que ele se tornasse mais digno de ganhá-la, apesar de não escrever estória alguma: "Essa promessa assim bem dura de fazer é que me fazia acreditar que eu ia mesmo ganhar a bicicleta" (ONDJAKI, 2012, p. 10).

Seguindo a fórmula dos arquétipos literários propostos por Meletínski (2002), podemos afirmar que (apesar de que não conscientemente) o narrador-menino sabe que um herói deve sacrificar-se para obter sua recompensa. Ele sabe também que muitas vezes meios mágicos são utilizados para facilitar a obtenção do item desejado. Assim a promessa "dura de fazer" durante a reza seria um meio de conseguir alcançar aquilo que deseja.

A primeira tentativa de obter a recompensa é utilizada quando o menino pede ajuda para o tio Ruy, que personifica o sábio, a personagem mais velha que detém conhecimento e pode ajudar o herói em sua busca. Após essa ajuda lhe ser negada, o meio pelo qual a criança vê uma oportunidade é através da reza. Tio Ruy não aceita ajudar o menino-narrador em sua empreitada porque sabe que as outras crianças que enviarão suas estórias para a Radio Nacional de Angola muito provavelmente não terão esse mesmo suporte.

Não obtendo êxito novamente, o narrador-menino testa mais uma maneira de obter sua recompensa. Meletínski afirma ser um dos temas mais recorrentes nos mitos iniciais: "a obtenção, graças aos heróis culturais (habitualmente os primeiros ancestrais), de diferentes objetos, muitas vezes por meio do roubo (para tanto às vezes é necessária a esperteza ou a magia) do possuidor originário [...]" (2002, p. 120) O roubo da caixa mágica do tio Ruy é a terceira tentativa de conseguir sua recompensa.

No entanto, ao roubar a caixa do tio Ruy, o menino torna-se "impuro", pois heróis não roubam. Por esse motivo, não merece receber o prêmio. A solução encontrada para expiar sua culpa é escrever a carta para que o camarada presidente pedindo uma bicicleta para cada criança em Angola.

Dessa forma, a expectativa do leitor não se cumpre. O leitor espera que após tantas tentativas o menino consiga obter o que deseja: a bicicleta do concurso da Rádio Nacional de Angola. Esse fato cria o anticlímax da narrativa.

## CONCLUSÃO FINAL

Ao utilizar a fala de uma criança, as críticas feitas à geração anterior são suavizadas e por vezes não são tão levadas a sério. É claro que já existia literatura escrita em solo angolano antes de 1975. Entretanto, a geração anterior a de Ondjaki foi a primeira a escrever literatura de raiz verdadeiramente angolana. A geração que denomino “anterior a de Ondjaki” refere-se à geração que viveu a Luta de Libertação do jugo português e engloba José Luandino Vieira, Pepetela, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, entre tantos outros.

Esses autores exercem grande fascínio e são extremamente respeitados por Ondjaki, não apenas pelo respeito aos mais velhos, mas porque estão absolutamente mobilizados pela realidade da estrutura social angolana e suas inegáveis contradições. Também por sua produção literária e por suas lutas políticas. Desta maneira, as críticas feitas a eles é extremamente branda.

No ensaio “África: trinta anos de processo de independência”, Kabengele Munanga expõe o continente africano e seus problemas e desafios atuais. Após as independências, o sentimento de euforia que atingia a população diminuiu ao perceber que “nacionalização para ela [a burguesia nacional] significa mera transferência aos autóctones dos direitos herdados da época colonial” (MUNANGA, 1993, p. 104). Dessa maneira, Kabengele discorre sobre os problemas sociais causados por essa mera mudança de poder para a nova elite africana.

O complexo de inferioridade entre as elites africanas leva-as muitas vezes a aceitar as tecnologias dos europeus como superiores: “As elites africanas se comportam como se fossem já convencidas de sua incapacidade e da de seus povos em inventar um modelo adaptado a seu meio, a sua realidade econômica, a suas tradições e a seus valores

culturais” (MUNANGA, 1993, p. 105). Muitas vezes, no entanto, os modelos europeus não servem para a realidade africana.

Após a saída dos colonos portugueses de território angolano aumentou-se a dificuldade em manter ou consertar as instalações elétricas e de esgoto e por isso, a falta de água e luz eram constantes em todo o país. Em *A bicicleta que tinha bigodes*, o questionamento sobre as relações de poder e sobre a qualidade da gestão de recursos pelos novos líderes angolanos é extremamente sutil e está relacionada ao problema da falta de luz (que origina as histórias contadas no livro):

- Pelo modo como a luz foi, assim sem tremer nem nada, acho que foi mesmo corte intencional.
- “Corte intencional” é como então? – eu perguntei.
- É quando a Edel corta a luz porque quer.
- Mas a Edel existe para dar ou para cortar a luz?

No diálogo acima, entre o narrador-personagem e o CamaradaMudo, há a contestação da ineficácia do governo, a percepção de sua arbitrariedade, do descaso com a população. Essa pergunta do narrador-personagem não chega a ser respondida.

Assim como tantas perguntas ingênuas das crianças, atinge em cheio os adultos, que ficam sem resposta, pois o assunto é muito mais complicado e extenso do que elas podem imaginar. Podemos elaborar melhor a pergunta da criança da seguinte forma: “A luta de libertação não era para melhorar o bem-estar do povo?” No entanto, a resposta que temos é a de Kabengele: apenas mudou-se a elite governante, nada que pudesse auxiliar o povo angolano foi feito.

Tania Macêdo ressalta que Luanda certamente é a “‘cidade da escrita’ de Angola” (2008, p. 14). É lá que se encontram a administração do Estado, diversas sedes de jornais e outros órgãos de imprensa e algumas faculdades importantes, como a Universidade Agostinho Neto, que é pública e tantos outros institutos e universidades particulares.

Luanda foi e ainda é o principal centro de produção, de editoração e de estudo da literatura angolana. Também deve-se mencionar que a União dos Escritores Angolanos se encontra na capital. Macêdo comenta: “Não causa espécie, portanto, que a cidade seja

referência obrigatória no imaginário nacional e cenário privilegiado da literatura produzida no país” (2008, p. 14).

É a partir da visão infantil que Ondjaki acaba por apresentar Luanda ao seu leitor. A cidade certamente tem limitações, no entanto, seus habitantes acabam por contorná-las e até mesmo tirar proveito delas. Um exemplo é a própria falta de luz que faz com que os vizinhos se aproximem.

Apesar de escrever em língua portuguesa, os vocábulos, as expressões e as construções são fundamentalmente angolanas. Ondjaki, ainda na orelha do livro, ressalta: "nossa língua toda desportuguesa".

## REFERÊNCIAS

FRY, Paul. *Introdução à Teoria Literária*. Yale: 2009. Disponível em: <<http://univesptv.cmais.com.br/introducao-a-teoria-da-literatura/home/introducao-a-teoria-literaria>>. Acesso em: 15/08/2014.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Ática, 2007.

MELETÍNSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ONDJAKI. *A bicicleta que tinha bigodes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SOSA, Jesualdo. *A Literatura Infantil*. Trad. de James Amado. São Paulo: Cultrix e Universidade de São Paulo, 1978.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: UNESP, 2012.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Parma, 1981.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Revista USP, n. 53, p. 166-182, março/maio 2002.